



CAMILLO CASTELLO BRANCO

SUMMARIO

Camillo Castello Branco.—*Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canato. — *Engatado!*, D. Eliza Caodur. — *Indiscrição*, (poesia) Miranda Azevedo. — *Cultura das emoções Intellectuaes*, Bernard Perez. — *Mater Dolarusa*, (poesia) Bulhão Pato. — *O palacio ducal de Nevers*. — *Uma traidora*, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *Fornecimento de calor nos domicilios*. — *Fragmento d'um livro util*, D. C. Sanchez de Frias. — *Ultimo accôrde*, (poesia) D. Maria José Alvarrio Pacheco. — *Thesouro do Toucador*. — *Euterpe*. — *Album Enigmatico*.

GRAVURAS:— *Camillo Castello Branco*. — *O palacio ducal de Nevers*.
NA CAPA:— *Conselhos e receitas*.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Fazer descer do seu pedestal glorioso, o vulto ingente da personalidade mais notavelmente admirada do moderno mundo litterario; fazer que esse colosso de talento e de gloria, alvo de todas as homenagens, conquistador de todos os respeitos, descesse até aos bicos da nossa penna para ser discutido, descripto, biographado em summa, seria uma humilhação para elle, e para nós um acto sacrilego, cuja perpetração criminosa e atrevida a nossa consciencia não auctorisa.

Tratando do notavel publicista disse ha pouco a talentosa escriptora D. Guiomar Torreção:

«Quem emprehender a tarefa, superior ás suas forças, de fundir-lhe a estatua no bronze de uma biographia, quem chamar a si o encargo de cinzelar o pedestal onde a estatua cantará, como a imagem de Memnon, voltada para o oriente, ao raiar o sol da posteridade, terá de carear os elementos, as noções, as aptidões, as investigações complexas, variadas e multipas, indispensaveis a todo aquelle que se proponha escrever um curso de litteratura.»

Estas palavras dão talvez uma idéa do que valle o merito intellectual do escriptor.

Do seu coração bom, onde as desillusões mais amargas e as dôres mais cruciantes não conseguiram estiolar a flor azul da sensibilidade, brotam como d'um manancial uberrimo e inexgotavel as abnegações mais delicadas, os affectos mais acrisolados e os sentimentos mais generosos, comprovados sempre pelos seus actos, d'uma caridade nobre e commovente.

Rodrigo José de Oliveira Guimarães, o editor infeliz a quem um incendio roubou a maioria dos haveres, reduzindo-lhe a cinzas a casa, e com ella a edição re-

cente d'um livro de Camillo, facto pelo qual o auctor não quiz receber o preço convencionado da obra, é uma das provas evidentemente reveladoras do apreço em que se deve ter a magnanima alma de Camillo Castello Branco.

Da physionomia intellectual e moral do laureado romancista apontamos o que soubermos; da sua physionomia phisica avalia o leitor pela gravura, e talvez melhor ainda por este retrato habilmente esculpido na prosa rendilhada de Gonçalves Crespo: — «Parece que o estamos ainda vendo, esbeltamente embuçado em um capote hespanhol, farto e elegantissimo, calçando botas floreadas que lhe subiam acima do joelho, e trazendo na cabeça, inquieta e nervosa, um chapen alto, preto, sem lustro, de abas dircitas e largas. Sem este ultimo accessorio, poderiamos tomal-o por um d'aquelles cavalleiros do secula XVI, que os felizes admiram nas telas de Ticiano. A sua voz era abemolada e com ligeiras inflexões ironicas. Quando fitava o interlocutor, vinol-o por mais de uma vez cerrar o olho esquerdo, e toda a força de observação de que é capaz este athleta do romance, como que se concentrava intensamente no olho direito, indagador e coruscante. — Barnave, dizia Mirabeau, tens os olhos frios e fixos; em ti não habita a divindade. — Ah! se o grande orador podesse vêr os olhos peninsulares de Camillo!

Ha tempos vinol-o de novo em Braga, e eis como elle se nos apresenta diante dos olhos: O rosto é vivo, moreno, gracioso, ainda que flagellado pela variola, a bocca é benevolente e risonha; e, todavia quando elle falla, afigura-se-nos que n'aquelles labios finos se nos entremostra uma vaga expressão de doloroso cansaço e de coercível melancolia. Os cabellos da côr de azeviche, de onde, como de uma cidadella inexpugnável, a neve dos annos refulge, vão-se empobrecendo, não chegando comtudo a desnudarem aquella cabeça febril e genial de poeta e creador. O bigode negro e transparente, á semelhança do de Soares de Passos, descae-lhe negligentemente arqueado sobre o labio inferior. As mãos d'este prodigioso artista são delgadas, mimosas e aristocraticas. E foi com estas mãos femininas que elle, a par de tantas creações adoraveis, fundiu em uma hora de immorredoura inspiração, a figura obesa, quadrangular, vermelha e grotesca de Chatin opulento, diante da qual as gerações por vir soltarão uma risada colossal e enorme, como a dos deuses á vista do satyro hediondo, hirsuto e deslumbrado no meio dos esplendores do Olympo.»

Embora o que estamos escrevendo não seja uma tentativa biographica, mas simplesmente a apresentação d'un retrato, exigem-nos talvez pelo menos a data do nascimento e a designação da terra natal do photographado. Sejamos condescendentes. Camillo Castello Branco tem 59 annos incompletos. Nasceu em Lisboa em 16 de março de 1826 e baptison-se, segundo diz Vieira de Castro, na capellinha do Loreto. Dez annos depois ficava orphão e passava á tutela d'uma tia de Villa Real, para onde foi. Decorrido tempo voltou a Lisboa e recolheu-se a casa de sua irmã principiando então a sua educação litteraria.

Previligiado pelo assombroso talento que o distinguia sempre terminou cedo os preparatorios e passou á escola medico-cirurgica do Porto.

Datam de então as suas primeiras luctas no jornalismo, os seus combates herculeos de gigante vigoroso, os primeiros triumphos da sua carreira de publicista. E desde essa vida agitada de estudante até ao ermo tranquillo de S. Miguel de Seide, e já agora até á pos-

teridade eterna Camillo Castello Branco tem sido, e será sempre, o vulto proeminente n'uma classe de predestinados a que se chamam homens de talento.

Indicar a data do seu nascimento e a terra da sua naturalidade eram cousas perfeitamente dispensaveis; quando se é o orgulho d'uma litteratura e a gloria d'um paiz, não se faz annos n'este ou n'aquelle dia, não se é d'esta ou d'aquelle terra, existe-se, e é-se da nação inteira, que nos ama, que nos glorifica, que nos atira os bravos ruidosos da sua admiração entusiasta.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XIII

Superstições populares

Como este assumpto deve fazer parte do nosso verso, tratal-o hemos a fugir: porque enfim todas as pessoas da minha intimidade sabem que não sou isenta de superstições! E lá disse o meu mestre, o sr. visconde de Castilho, não sei onde nem quando: — Fugi de um coração que não tiver as suas superstições: — quer dizer: *algunas superstições*.

E não se julgue que é isto effeito da educação: na infancia ria me dos papões, das bruxas, dos lobis-homens, de phantasmas e de outras invenções assim. Mas... sou fatalista; creio que ha um destino que nos subjuga; que ha uma relação mysteriosa com os entes invisiveis que presidem a esta incomprehensivel machina do universo; relação que se manifesta por intuições materiaes, ás vezes extraordinarias.

Ha muitissimo tempo, disse uma das minhas jovens alumnas em uma reunião solemne: — «Por mais audaz que seja o genio do homem, tudo lhe é possível, menos penetrar nos arcanos insondaveis da morte! Ah! acabou a sua sciencia! O mais que póde fazer, continuando a viver no seu mundo de illusões, é inaugurar as imagens e venerar as sombras queridas d'esses que passaram e desappareceram como brilhantes meteoros!»

Poderá ser contestada esta verdade? Creio que não. Quanto aos advinhos, ás mulheres que leem sinas; ás que deitam cartas; essa raça pestilenta, immoral e facinora devia ser expulsa rigorosamente: ali não actuaem os segredos do espiritualismo, nem os da physica; actua sórdido interesse; ignorante e audaz empyrismo.

Mas digam ás mulheres do campo que a passagem dos infantes quebrados pelo vime, em noite de S. João, os não cura! Digam-lhe'o; que mais de uma e tres e quatro apparecerão com os filhinhos nos braços, mostrando extinetas as roturas umbilicaes ou inguinaes! Quem sabe qual é o desconhecido agente d'essa cura maravilhosa?

Não creem no magnetismo animal? Creio eu: e digolhes mais ainda... Apoz o vapor, a electricidade e o telegrapho submarino; quando o genio emprehendedor do homem não tiver mais em que se occupar, ha de vir o magnetismo animal rasgar os horisontos da sciencia humana e então... si dos Hippocrates, dos Gallenos, e dos Hahnemans, porque tambem lhes hade chegar a sua vez de carpirem, como teem carpido os obreiros, cujos braços paralysoou a força motriz da agua e do fogo! Então lhes dirá o grande Espirito: — *Levantae vos, e ide-vos d'aqui, porque não tendes aqui descanso!* Miqueas: cap. II v. 10.

E tambem porque: — *Todas as coisas teem seu tem-*

po, e todas ellas passam debaixo do ceu, segundo o termo que a cada um foi prescripto. Ecclesiaste; cap. III, v. 1.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

ENGEITADO!

*Qu'importe à ces hommes mes frères
Le cœur brisé d'un malheureux?
Trop au-dessus de mes misères,
Mon infortune est si loin d'eux!*

LAMARTINE.

A tarde morria brandamente, languescida pelo sol, que tinha já colorisações afogueadas de occaso proximo, espalhando no cariz do céu rubores iriados de scintillações tremulantes, e pondo nas cerrarias aridas e nas campinas uberjimas de verdura uma nota melancolica de despedida saudosa, em que havia threnos celfluos cheios de harmonias piedosas e soluçantes, onde as almas impressionaveis se arroubavam extaticas.

Não obstante, o Joaquim da Motta caminhava, olhando com um desprezo soberano e indifferente os cambiantes de magnificencia opulenta, que na sua orgia de côres o sol desenrolava além na tela cerulea do firmamento, e por esses casacos fóra o camponio de manta ao hombro, vara pau em punho, ar satisfeito, todo entregue á sua idéa, convidava para a esfolhada d'aquella noite.

Mesmo no limiar, na porta do José Morgado, com bons modos, muitos rodeios de phrase e varios detalhes sobre a colheita expoz ao que vinha, concluindo:

—E então posso contar consigo, hein?

O Morgado disse logo que sim. Levaria até a mulher e o engeitado; que iria, ora essa, podia estar descaçado, não faltava.

—Pois então muito obrigadinhos e até á noite, fez o outro;—vou-me ainda ali a baixo, ao compadre André, ver se tambem deixa ir as raparigas, e até mais vêr que se faz tarde.

—Vá com Deus, tio Joaquim, vá com Deus.

A' noite, logo depois da ceia, a santa familia composta de José Morgado, da mulher e do engeitado Maximino, seguiam caminho acima para a eira do Joaquim da Motta.

A mãe ia dando prelecções ao pequeno:

—E' preciso vir de boa vontade, para tambem amanhã não faltarem á nossa descamisada, e toda interessada recommendava-lhe:

—Agora põe-te lá a dormir que t'o direi.

O Maximino, tasquinhando gulosamente um pedaço de broa respondia:

—Isso é que elle dorme. Olhe lá não durma, vou mais acordado!...

Dentro em pouco chegaram. Deram as *santas-noites* e procuraram logar no circulo do milho.

Gente cantava além na planura do caminho, approximando-se, e na eira havia murmurios de vozes conversando alegremente. A concorrência era já grande e o milho, em espiga nua de folhas, batia com ruidos seccos, enchendo os largos puceiros de vime preto.

O Maximino promettera não dormir, mas passados uns minutos, na roda de gente, aconchegado, sentadito entre as mulheres que tagarellavam sem fazerem caso d'elle, sentia de vez em quando um somno invencivel

apoquental-o com exigencias imprescendiveis d'um cabecear denunciador. Então as mulheres davam-lhe co-tovelladas e vozes rispidas diziam-lhe:

—Anda rapaz, olha que digo á tua mãe.

Ao lado a mãe adoptiva, a Maria Morgada escamisava junto á comadre Monica, commentando o resultado da feira onde havia levado os bezerros, porém aquillo tinha estado uma desgraça a respeito de preço:—A mim davam-me ainda assim, um *córtinho* de ganho, mas o meu José não quiz vender, disse a Morgada.

E ouvindo ao lado as palavras das outras que reprehendiam o Maximino acrescentou:

—Deixa-me chamar o meu pequeno que está p'ra ali já a dormir.

A sua voz altisonante gritou logo:

—Maximino, ó Maximino! Grande mono, já para aqui maroto, e agarrando-lhe por um braço, obrigando-o a sentar-se junto d'ella, dizia-lhe:

—Vaes levar sova de meia noite. Deixa estar que eu te amanharei o somno.

E para a Monica, muito queixosa:

—Isto são uns mostrengos comadre, que só servem p'ra comer.

Então a conversa recalhiu sobre os expostos; a outra contava casos d'algumas pessoas muito fortimosas com aquelle genero de industria e apontava exemplos: a Rita Cancellá, o João do Casal; e a conversa alongava-se animada.

O engeitado agora, ao lado da mãe, tiritando de medo e de frio, nunca mais dormiu. Sentia só um grande peso na cabeça, as fontes a doerem-lhe e os olhos picavam-lhe como se grãos d'arcia lhe enchessem as palpebras. Não se queixou, para que? Ninguem faria caso, talvez até lhe batessem.

Aquillo durou até á uma hora da noite.

Na volta para casa a mãe e o pae conversavam entretidos na boa colheita do Motta. O Maximino atraz, sósinho, mãositas mettidas no peito, tropeçava a todo o instante nos troncos das arvores, nos seixos, dizendo a cada passo para si mesmo:

—Toma... lá vae outra... Ainda parto as ventas, ainda.

Levava um frio gelido que lhe congelava as carnes, pondo-lhe titilações convulsas na pelle humedecida pelo ar enregelado da madrugada.

Havia um silencio somnolento na quietação monotona da natureza que parecia dormir; sómente em baixo o murmurio do ribeiro e ao longe o canto dos gallos, punham uma nota de vida n'esta tranquillidade taciturna.

Continua.

ELIZA CAODUR.

INDISCRICÃO

Quando ha dias te vi examinavas attentamente um livro volumoso, d'incrustações magnificas e bellas, n'um estylo moderno e gracioso.

Tão embebida estavas na leitura que nem me presentiste, meu amor! Deslizei mansamente e o breve espaço, que então nos separava,ousei transpor.

Depois — que terno enleio e que surpresa!
Que infinito prazer tão puro e grato!
O livro — era o teu *album* primoroso,
o trecho predilecto o meu retrato.

1882.

MIRANDA AZEVEDO.

CULTURA DAS EMOÇÕES INTELLECTUAES DA CURIOSIDADE

VI

Um dos problemas que mais embaraça o educador é o seguinte: como se deve responder ás perguntas das creanças em geral, e especialmente das creanças muito pequenas? Ha quem tenha a opinião de que essas perguntas não devem embaraçar pessoa alguma, que não deve haver um systema determinado para regular as respostas e seguir simplesmente as inspirações do bom senso para responder, e isto segundo a occasião, as circumstancias e os caracteres. Entretanto é possível, e por consequencia útil, fixar principios certos e geraes, que facilitem o trabalho do bom senso e que, encaminhando até um certo ponto, indiquem ao mesmo tempo, em diversas circumstancias, a direcção a seguir no momento em que a sagacidade e os bons desejos de acertar se encontrem isolados. Por isso, desde Rousseau, muitos escriptores sobre educação prestaram relevantissimos subsidios emittindo a sua opinião ácerca de semelhante materia; poder-se hiam citar particularmente vinte mulheres por uma que sensatamente se entregaram a descobrir preceitos para dirigir a curiosidade das creanças, alimentada principalmente pela futilidade, e expressa a maior parte das vezes por perguntas escabrosas e indiscretas. A pedagogia primeira pôde apropriar-se de uma pequena parte d'essa collecção preciosa de conselhos e proceitos.

Começarei por dizer que se fazem muitas perguntas ás creanças, e que se responde muito a todas aquellas que as creanças formulam. Seria melhor que ellas perguntassem menos o observassem mais. E' necessario que a creança seja compellida a conhecer um certo numero de coisas pelo proprio esforço de observação, como por exemplo os phenomenos apparentes dos tres reinos, os factos mais salientes da vida humana, as consequencias mais immediatas dos actos communs: interessa-a pelo que é conhecido, fallando-lhe n'isso, é um meio optimo de a excitar na procura do desconhecido. Mas nem sempre se deve ligar uma grande attenção ás perguntas que as creanças fazem sobre a razão das coisas. Como disse Madame de Miremont, a proposito das observações em que a decencia possa achar-se compromettida, «a pergunta de uma creança nem sempre tem todo o alcance que apparenta, e por isso não é conveniente apressarmo-nos em lhes desenvolver as idéas.» Uma creança de tres annos nem comprehende, nem deseja mesmo conhecer, o porque de um facto importante: o que excita a sua curiosidade são as percepções completamente exteriores das mudanças que vê produzirem-se, as que pôde abarcar com os sentidos, as que se ligam á sua individualidade, ás suas emoções, ás suas necessidades, ás suas affeições, ás pessoas que estima e a tudo que lhe é bem conhecido.

Exagerar-se-hia extraordinariamente a influencia hereditaria das tendencias scientificas no homem considerando-a em relação aos individuos e não ao grupo social: a parte individual limita-se á maior aptidão em comprehender e ligar as suas percepções para as transformar em concepções systematisadas e coordenadas perfeitamente; mas o instincto da verdade desinteressada; a necessidade de se explicar a verdade pela propria verdade, não se transmite, ensina-se. Se não ha por consequencia perguntas a que se não deva dar uma resposta verdadeira, é necessario convencermos nos que em materia de explicações a creança não é difficil de contentar e que a resposta simples ou vaga, quando pareça de necessidade, basta para satisfazer completamente a sua curiosidade ingenua. Assim uma creança perguntou á mãe porque havia agua nos rios. A mãe responde-lhe: «Porque a deve haver em alguma parte, mas não em toda a parte.» Uma outra perguntava a razão porque brotavam da terra os feijões, e a mãe responde-lhe: «E tu não cresces todos os dias? os gatinhos, todos os animaes crescem e de pequenos tornam-se grandes; com as plantas acontece a mesma coisa.» Ainda uma outra inqueria porque não era a agua vinho. O paé observou-lhe: «E um cão é um gato? O vinho é vinho, e a agua é agua.» Não são por certo respostas precisas, mas são absolutamente verdadeiras e n'estas idades satisfazem completamente.

Póde ainda haver perguntas mais embaraçosas, para as quaes se deve estar sempre preparado. Não responder a ellas é expôr a creança a dirigir-se a outras pessoas menos innocuosas; enganar a é commetter um crime de lesa innocencia; responder sempre e a tudo corresponde a habituar a creança a ser importuna. Quando se fôr obrigado a recusar á creança explicações que ella não poderá perceber deve recorrer-se á propria ignorancia ou á da creança, dizendo-lhe: «Tu não pôdes comprehender isso agora» ou antes: «eu não sei?» Madame Campau recommenda um d'estes meios, Mademoiselle Sauveau aconselha o outro.

(Continua).

BERNARD PEREZ.

MATER DOLOROSA

Era uma pobre mãe, tinha nos braços
Um filho moribundo;
Nos olhos uma lagrima. — Senhor! —
De quanto n'este mundo, e por esses espaços,
Surgiu do teu alento creador,
Não ha nada maior do que esta lagrima
Do poema do amor!

Janeiro 21 de 1883.

BULHÃO PATO.

O PALACIO DUCAL DE NEVERS

O palacio que a nossa gravura representa é um dos edificios mais notaveis que a cidade de Nevers, a antiga *cidade das torres*, offerece á curiosidade do visitante.

Edificado em 1485 pelo condé de Nevers, da antiquissima casa de Nevers, cuja origem remonta ao seculo XI, o palacio ducal, onde funcçãoam actualmente



O PALACIO DUCAL DE NEVERS

os tribunaes, e que no seculo XVI foi notavelmente modificado, é um bello specimen da soberba architectura da Renascença, ornamentado primorosamente com o bom gosto artistico que caracteriza aquella época realmente extraordinaria em concepções de toda a ordem.

A escada de honra, principalmente, é um verdadeiro primor de arte e uma perfeita maravilha de elegancia e de lavor architectonico.

Uma bella praça de 3:800 metros quadrados de superficie corre em frente do antigo palacio que se ergue altivo e imponente, com as suas torres severas, mas elegantes, offerecendo no conjunto uma prespectiva que é toda arte e bom gosto, recamada de finos rendilhados e de tradições historicas de coragem, de valentia e de nobreza.

A origem da casa de Nevers, que remonta, como dissemos, ao seculo XI, deriva de Ignez de Nevers mulher de Philippe de Courtenay. Depois o condado passou para as casas de Douzy, de Chatillon de Bourbon, de Borgonha, de Flandres e de Cleves. Em 1538 foi elevado a ducado pariatto e um seculo depois o cardeal de Mazarin comprou o ducado de Nevers aos duques de Mantua, conservando-se até á revolução em poder dos successores do cardeal, o celebre ministro de Luiz XIII, de Anna de Austria e de Luiz XIV, a quem se attribue a phrase tantas vezes repetida: *ils chantent, ils payeront* com que o astuto ministro respondia ás satyras que lhe vibravam, quando um novo imposto se tornava necessario ás despesas fabulosas de uma corte dissipadora.

UMA TRAI DORA

O dia extingue-se feio e triste sob um ceu plumbco, onde de quando em quando o sol espreita apenas e se esconde rapido como que eximindo-se a illuminar a scena desolada da natureza. Por toda a parte uma saudade infinita das scintillações vivas da luz, do matiz dos prados, das florescencias das arvores, das galas da natureza. É o inverno que o outono que passa pompeando no soucortejo de penumbras, dando ao aspecto das cousas umas prespectivas melancolicas, pondo no ar frio das madrugadas a propriedade de pequeninas laminas de aço finas e cortantes, que viessem traçoicamente ferir cada uma das partes do nosso corpo exposto á sua acção inclemente.

Um travesso, este inverno! A leitora porem, brinca vantajosamente com as furias d'este leãozinho estranho, envolvendo-se no conforto benefico das suas pellicias tepidas, e escutando fora a orchestração medonha dos elementos que vem exigir um acompanhamento, manda com um gesto accender o fogão do seu gabinete, conchega-se o melhor que pode na sua poltrona de veludo azul, e recosta-se abandonada n'uma preguiça descuidosa, desejando muito qualquer coisa que a entretenha, que a desemfastie sem todavia a fazer sahir d'ali, d'aquelle conchego morno do seu aposento; mas o que ha de procurar se que lhe agrade, o que ha de ser?

Vejam os. Um bom livro, quer? Para que as suas mãos aristocraticas e finas não tenham de abandonar

o regalo felpudo e setinoso que as agazalha, ou mesmo vou procurar uma obra muito apreciavel, esplendidamente traduzida pela eminente escriptora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho *O Reino da Mulher*, escolho, ou antes não escolherei nenhum trecho, porque todo o volume é adoravel; abro ao acaso e terei preocupado agradavelmente uns momentos de ocio da minha estimavel leitora lendo-lhe:

UMA TRAIORA

«A imaginação foi sempre tida como um dom precioso e divino, e realmente aquelles que são inteiramente privados d'essa maravilhosa faculdade, são por todos considerados como entes prosaicos e sensaborisimos.

E' a imaginação quem nos aformoscia a existencia, sem ella seriamos semelhantes aos animaes, ficaríamos frios deante das bellezas da natureza e da arte, e a terra, o céo, os campos cheios de flores passariam deante dos nossos olhos como atravez dos vidros de uma lanterna magica, sem nos deixarem nenhuma impressão no espirito.

E' ella que faz parecer todas as coisas mais bellas do que realmente são; é graças a ella que podemos crear na mente mil radiosas phantasmagorias.

Amamos a acaso a natureza? pois a imaginação far-nos ha invocar, como no scenario de uma magica, pázagens esplendidas, jardins perfumados, bosques cheios de sombra, logares deliciosos como já mais existiram na terra.

Adoramos a riqueza? Deante dos nossos olhos passarão todos os thesouros de Golconda, joias orientaes, palacios dourados, faustosas equipagens.

Aspiramos á gloria e ao poder?

Vemo-nos gloriosos e potentes.

N'uma palavra, a imaginação faz-nos viver de uma vida ideal, formar mil castellos no ar, que por instantes nos dão muito mais vivas alegrias do que todos os gosos que realmente possuímos. E comtudo a imaginação pode tornar-nos infelicissimos; chamar-lhe-hei mesmo a origem de todas as nossas verdadeiras infelicidades, a causa principal dos nossos desgostos.

E' ella como um licor que absorvido nos reanima e nos dá vida, mas do qual basta um gole a mais para o tranformar em veneno mortal.

Não digo com isto que seria para desejar que todos fossem privados de imaginação, porque sem um pouco de poesia o mundo havia de parecer-nos muito feio; não; o que eu queria era que todos a tivessemos em dose moderada ou pelo menos que a soubessemos sensatamente soffrear.

Os francezes chamam-lhe *la folle du logis*, eu chamar-lhe-hei a *traidora* porque nos attrac, como a luz attrac com o seu esplendor a pobre borboleta para no fim a fazer perder ao seu cruel contacto as azas e a vida.

(Continua)

FORNECIMENTO DE CALOR NOS DOMICILIOS

A America não é sómente o paiz das grandes invenções e dos grandes descobrimentos, é tambem, e é principalmente, o paiz onde se realisam os projectos mais assombrosos, vencendo-se todos os obstaculos, todas as difficuldades para pôr em pratica idéas verda-

deiramente extraordinarias que só pouco a pouco, como que a medo, vão sendo exploradas pela velha Europa.

A America é principalmente um paiz pratico.

New York, a cidade mais importante da União Americana, apresenta ao viajante europeu verdadeiras maravilhas das applicações scientificas, cujas theorias são apenas conhecidas pelos sabios do antigo continente. E' a consequencia necessaria do arrojo, da intelligencia, da perseverança com que ali se emprega o capital, essa alavanca potente do progresso com que se augmenta a riqueza das nações. O espirito aventureiro de um povo trabalhador, occupado exclusivamente em produzir e crear, não pôde prender-se ás especulações mesquinhas do jogo de fundos, que esterelisa e arruína por isso mesmo que é jogó, e que está produzindo em muitos paizes, incontestavelmente avançados em civilização, a loucura fatal de uma dissipação louca.

Os caminhos de ferro aereos, de origem britannica, foram encontrar na America, primeiro que em qualquer outra parte, a realisação pratica da sua grande utilidade como meio de transporte nas grandes cidades de uma grande população e movimento. No mesmo caso estão outros muitos inventos e descobertas.

Ha quatro annos estabeleceu-se em New York uma companhia denominada *Companhia de aquecimento a vapor*, com o fim de acabar com o combustivel nos domicilios. Os resultados de esse grande melhoramento na economia domestica e nos differentes usos municipaes, são facilmente comprehendidos e podem prever-se e avaliar-se facilmente.

Resumimos as vantagens enumeradas pela companhia e offerecidas por ella á municipalidade de New York:

1.^a Economia de 750:000 francos por anno no aquecimento dos estabelecimentos publicos da cidade;

2.^a Economia de dois milhões annualmente, que tanto custa a remoção dos residuos da combustão e dos gelos e neve accumulada nas ruas de New York;

3.^a Reducção pelo menos de metade nos prejuizos das companhias de seguros, logo que os diversos armazens e estabelecimentos de venda possam ser aquecidos sem necessidade de acenderem lume.

Estas são as vantagens principaes, mas outras muitas, de segunda ordem, fazem ainda assegurar á companhia enormes lucros correspondentes ao commettimento de uma empreza semelhante que só podia realisar a experiencia, que tem dado os melhores resultados, n'uma cidade americana em que as innovações arrojadas não representam um factó isolado, nem constituem motivo de desconfiança e retrahimento dos capitães necessarios.

FRAGMENTO D'UM LIVRO UTIL (1)

Adianta-se o estado da gravidez da mulher.

De envolta com os preceitos da medicina, surgem de todos os lados as admoestações das amigas, as reflexões das creadas, os conselhos das comadres.

A senhora não se deve apertar, porque um menino de certo sujeito nasceu aleijado; não comer isto porque é quente, aquillo, porque é frio, cumpre-lhe trazer taes bentinhos ao pescoço; não usar certos obje-

(1) A MULHER SUA infancia, educação e influencia na sociedade. — Pará, Tavares Cardoso & C.^a Editores — 1880.

ctos; defumar-se com taes hervas, para dar formosura ao menino; não olhar para o relógio do marido, ou para um machinismo qualquer, sob pena de ficar tudo transtornado.

A creança será d'este ou d'aquelle sexo, poque o pé direito ou esquerdo é o que se levanta primeiro ao subir da escada; fazem-se certas fomentações; ouvidos mercenarias procedem a auscultações, para a direita ou para a esquerda; chama-se a tia Fulana; consulta-se o compadre Beltrano.

A mulher por tanto, que não sabe, ou não pôde reagir, ignorante ou não, condescendente ou submissa, contra essas velharias e abusões — lá se vai desleixando no trajar, e prejudicando as fórmas com a impropriedade do vestuário; esguedelha-se; constrange-se nos seus hábitos; reveste-se de escrupulos prejudiciaes e mal entendidos.

Vem a superstição mesinheira e as privações de todo o genero; adultera-se o curso da imaginação que é torturada a todos os instantes, e tudo isto em prejuizo do organismo inteiro, e por conseguinte do desenvolvimento do feto.

Manifestam-se as dores violentas da parturiente.

A natureza prediposta sempre para a evolução, rápida ou morosa, dos seus accedentes, é não poucas vezes desviada do seu curso normal: a impaciencia, o temor, o desalento e a ansiedade são n'estas occasiões o resultado dos agentes empregados por mãos, pela maior parte, inhabeis e incompetentes.

Foi bem succedida a enferma. O caso é attribuído, não a um facto natural, mas ás mesinhas prescriptas, á virtude do chapéu do marido que lhe collocaram sobre o ventre, aos exorcismos, a um molho de figas, lançado ao pescoço da paciente, ás rezas feitas em cruz, e aos milagres de S. Raymundo, cuja imagem passa pelas fórmas inquisitoriaes da do seu collega Santo Antonio, que chega a descer ao fundo de um poço, e a soffrer as torturas da estrangulação, até apparecer o objecto perdido.

A camponeza, que, durante o periodo da gravidez, se entregou a todos os hábitos da sua vida activa, com poucas ou nenhuma restricções, acontece-lhe ás vezes regressar do campo com o recém-nascido nos braços, e poucos dias depois voltar ás suas occupações, trazendo pendente dos seios uma creança escorrecita e vigorosa.

A mulher do indio recebe nas mãos o fructo, que acaba de dar á luz, levanta-se, sae da maloca, vai banhal-o e banhar-se no rio mais proximo, entregando-se, depois d'isto, a um repouso leve e pouco duradouro.

A nossa mulher não poderia fazer outro tanto, porque a sua vida sedentaria, delicadeza de membros e differença de hábitos se oppoiam a isso; prescindiria porém de muitos preconceitos, que lhe seguem o parto, prescriptos unicamente pela usança inveterada e contraria aos preceitos da medicina.

A camponeza ou a mulher pobre, se lhe falta a alimentação precisa para o fructo das suas entranhas; se dos seios entumecidos não corre um leite abundante e sadio, recorre ao ubero de uma cabra, ou de uma ovelha, que passa a tratar cuidadosamente, separando-a do rebanho, e nem por um só dia entrega o seu filho a mãos estranhas, mercenarias.

As suas occupações e a sua imaginação, sempre cheia de cuidados, necessarios á labutação diaria, não lhe permitem um sentimentalismo exaggerado, umas pieguices proprias de quem não sabe, não pôde, ou não quer empregar melhor o seu tempo.

Bem alimentado e limpo, o seu filho braceja no ar livre, sobre as palhas de uma enxerga; adquire todos os dias saude, robustez, na liberdade dos seus movimentos; não é um embaraço, é a alegria da familia; não priva ninguém do livre exercicio; sob a vigilancia dos olhos maternos, é transportado para os montes, para o meio da lavoura, para o tear, ou para o canto da lareira.

Os primeiros passos que a creança dá no mundo, ensaia-os agarrada ás saias da mãe, que moireja sempre, que trabalha sempre, e que, ao apertal-o nos braços, rosado, cheio de vida, não sente menos affectos que as outras mães.

E o que acontece com a gente das cidades, no fóco da civilisação, dos grandes estudos praticos, do aperfeiçoamento moral e material, no dizer das gazetas; o que acontece connosco?

Nascer-nos um filho, quando temos poucos meios, é o apparecimento de milhares de necessidades, um embaraço, uma desorganisação na familia, e não um acontecimento comestinho e de ordem natural.

A mãe não pôde alimentar a creança, ou porque é debil, ou porque o seio não produz a seiva nutritiva, ou então porque não deseja murchar a seiva e os encantos da formosura; é delicada, é elegante, precisa brilhar aos olhos do mundo, não deve ter tão pesado encargo.

Surge então de todos os lados um largo sequito de creadas, sobresaíndo, no meio d'essa fatal constellação, como planeta funesto, a ama de leite, a eterna transmissora de defeitos physicos e moraes, a innoculadora de uma maternidade emprestada, e paga, a tantos réis por dia.

D. C. SANCHES DE FRIAS.

ULTIMO ACCORDE

Vi-te á luz d'um amor quasi insensato!
Cerquei-te do prestígio deslambrente,
Que o phantasiar colora!
Surgias ante mim qual surge um astro!
Era de mais! bem sei... e o sol ficticio
Perdeu seu brilho agora!

Do sonho que eu sonhora, já desfeito.
Olharcí as cinzas todas com ternura,
Apenas um momento!
Depois... gélida a alma, sem affecto,
Teu nome envolverei no manto frio,
Do frio esquecimento.

Camplide 1883.

MARIA JOSÉ ALVARRÃO PACHECO.

THEOURO DO TOUCADOR

CONTRA AS SARDAS

Ha, como é sabido, grande variedade de manchas na pelle a que vulgarmente se chamam sardas; ha umas de nascença, que é muito difficil tirar; outras produzidas pelo calor, que desaparecem facilmente abstendo-se a pessoa de apanhar sol, e outras finalmente que existem no rosto das mulheres gravidas e originadas pelo sangue. Estas podem desaparecer pelo continua-

do uso d'uns banhos feitos duas vezes por dia com o liquido seguinte:

Agua de tanchagem.....	250 grammas
Borax.....	25 " "

Uma gazeta russa dá para o mesmo effeito a seguinte receita:

Sulfophenato de zinco.....	3 grammas
Collodio.....	45 " "
Essencia de limão.....	1 " "
Alcool puro.....	5 " "

Applica-se esta mistura sobre as manchas, uma ou duas vezes por dia, com um pincel.

GOLD-CREAM ORDINARIO

Tomam-se 200 grammas de oleo de amendoas doces, 20 grammas de cera virgem e 50 grammas de espermacti. Faz-se fudir tudo em banho-maria onde se tritura até que se tenha obtido uma pasta perfeitamente ligada; retira-se do fogo e junta-se-lhe devagar, sem nunca cessar de mexer, 20 grammas de agua de rosas, outras tantas de glicerina e por ultimo doze gottas de essencia de rosas para perfume. Bate-se depois durante meia hora porque quanto mais o *gold cream* é batido mais branco e mais fino é; em seguida deita-se em pequenos vasos adequados, onde dentro em pouco endurece.

LEITE DE SABUGO PARA AMACIAR A PELLE

Para um litro de agua de flores de sabugo tomam-se 150 grammas de amendoas doces sem casca, 250 grammas de alcool de 60 graus e 15 grammas de oleo de flor de sabugo, outro tanto de cera, de bom sabão e de espermacti.

O sabão deve ser derretido em banho-maria com agua de sabugo ou de flores de laranjeira, depois junta-se-lhe a cera e o espermacti, deixando ferver tudo lentamente. Durante este tempo, limpam-se as amenduas e pisam-se n'um almofaris juntando-lhe pouco a pouco um tanto de agua de sabugo. Passa-se este preparado por um bocado de musselina; mistura-se-lhe o sabão e no fim o alcool, mexendo sempre. Em seguida deixa-se reponzar tudo pelo espaço de vinte e quatro horas e enfrasca-se.

RECEITA CONTRA O CRESTADO DA PELLE NO REGRESSO DOS BANHOS DE MAR

Esta receita, segundo contam as pessoas experientes é infalivel e é tão inoffensiva como simples.

Trata-se unicamente de humedecer o rosto, á noite, ao deitar, com uma pouca de clara de ovo tão bem batida que fique perfeitamente liquida. A terceira applicação, isto é ao terceiro dia, o resultado é plenamente satisfactorio.

As mulheres não inventaram a algebra nem o telescópio mas fazem alguma coisa maior que tudo isso; —é sobre os seus joelhos que se forma o que ha de melhor no mundo: um homem bom e uma mulher honesta. Se a rapariga tem sido bem educada, educará

mais tarde os filhos que a imitarão, e n'isto está de certo a maior obra prima do mundo.

DE MAISTRE.

EUTERPE

Continua sabindo com a maxima regularidade e obtendo o melhor acolhimento do publico, esta excellente publicação musical.

Os ultimos numeros contendo *Chanson russe* de Sydney Smith, *Symphonia da opera Beatriz* de Frederico Guimarães, e *Pavane Favorite de Luiz XIV* de Frédéric Brisson, veem affirmar o direito que tem o *Euterpe* de ser considerado a primeira publicação portueza no seu genero.

A instrucção não póde ser separada da educação; esta deve sempre guiar e penetrar aquella em todo o seu curso.

MOURÓ.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA NOVISSIMA

Premio — «*Traité de l'education des filles*», de Fenelon

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Esta planta caminhava para aquella fructa. — 2-1

MÃO DE FINADO.

CHARADA DUPLICADA

Premio: — «*Conseils sur l'education dans la famille et au college*», por Barran

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Invertendo	} 2
Este app'ido	
E' um porto	
Conhecido.	

A. MORAES.

Explicação das charadas do numero precedente: — *Zaconm, Jaque.*

Conhe o premio em Lisboa á ex.^{ma} sr.^a D. Carolina Maia, e na provincia ao sr. Fernando J. Pereira, da Ribeira Grande.

Vieram em segundo lugar decifrações, por telegramma, das ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria A. Carmo Telles e D. Elyra de Mendonça; por carta, das ex.^{mas} sr.^{as} D. Marianna Furtado, D. Olympia Paes do Amaral, D. Theodolinda da Costa Lopes, D. Candida da Silveira, e dos srs. Manuel M. Junior, Figueiredo Marques, *Saltarello*, Castro Menezes, Celestino Gameiro e Castro Correia Salles.